

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

CULTURA E RECICLAGEM: HISTÓRICO DE UM MOVIMENTO SOCIAL AMBIENTAL PAULISTANO

José Luís Solazzi

Professor de Antropologia na Universidade Municipal de São Caetano do Sul e de Sociologia e Teoria do Estado na FAAP, pesquisador da Linha de Pesquisa “Comunicação e Inovação” do Curso de Comunicação Social. Bacharel em Ciências Sociais (PUC-SP) e em Direito (USP), Mestre e Doutor em Ciências Sociais – Antropologia – (PUC-SP); zezosolazzi@uol.com.br

RESUMO

Este artigo analisa o movimento social ambiental na região Oeste de São Paulo e as suas relações entre cultura e reciclagem. Aborda os percursos históricos e culturais empreendidos pelo Movimento Eco-Cultural na ‘Feira de Artes de Pirituba’ e, no último ano, na ‘Cooperativa Crescer’.

Palavras-chave: movimentos sociais; cultura; reciclagem.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha.

Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-lo?

Cada pedaço da terra é sagrado para meu povo.

Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho ...

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir.

Chefe Seattle, ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em resposta a uma proposta de venda dos espaços sociais tribais, em 1854.

MEMÓRIA, EXPERIÊNCIAS E DIGNIDADE

Este artigo relata as práticas sociais ambientais do 'Movimento Eco-Cultural', criado nos últimos anos do século XX para a articulação dos interesses culturais, comunitários, educacionais e de preservação ambiental construídos pelos cidadãos moradores da região Oeste da cidade de São Paulo, no bairro de Pirituba, nas proximidades do Parque Estadual do Jaraguá.

Trata-se de problematizar a questão ambiental paulistana através das propostas e atividades dessa organização social constituída por jovens ativistas, artesãos e músicos preocupados com a preservação desse espaço geográfico, dada a devastação ambiental das cercanias do Parque Estadual do Jaraguá por ocupações irregulares que ameaçam a permanência dessa importante reserva urbana de mata atlântica, refúgio de guaranis perseverantes e resistentes e espaço de recreação e lazer da população.

Ao destacar esse movimento social ambiental paulistano, pretende-se tanto registrar a historicidade dessa experiência política, com seus percursos culturais e forma de institucionalização, quanto apresentar os caminhos seguidos pelo Movimento Eco-

Cultural em sua trajetória de luta política pela preservação ambiental da região. Pretende-se, também, mostrar o direcionamento estratégico de atividades culturais e de preservação direcionadas ao público infantil como um dos vetores necessários de suas práticas culturais, tornando a educação ambiental um exercício necessário da cidadania.

Nos últimos meses, os integrantes do Movimento Eco-Cultural passaram a ser responsáveis pela coleta seletiva, em Pirituba. Para a efetivação dessa nova prática ambiental foi constituída a 'Cooperativa Crescer', que tem realizado a reciclagem comercial na região de Pirituba.

As ações dessa nova inserção e desse ativismo têm viabilizado o resgate político, social e econômico de mais de quarenta famílias, efetivando um movimento de resgate social e de construção de cidadania que considero exemplares para novas políticas sociais envolvendo comunidades pobres e miseráveis de São Paulo.

As visitas etnográficas, as entrevistas e os registros audiovisuais realizados nos três primeiros meses de 2007 permitiram um diagnóstico acerca de nossas emergências sociais: a viabilidade econômica e a urgência social de empreendimentos ambientais que sejam efetivados a partir da participação coletiva numa cooperativa com perspectivas e práticas federalistas.

Ao retratar a memória da experiência ambiental dessa região paulistana, foi possível verificar a intensidade do trabalho e os tipos de intervenção social necessários para que os movimentos sociais produzam educação, dignidade e igualdade real, no presente.

Dedico este artigo às mulheres da Cooperativa Crescer que, ao longo do último Carnaval, ensinaram-me como me portar com dignidade, gentileza e elegância diante de dezenas de sacolas gigantes, que elas chamavam de 'bags', com milhares de latas de alumínio, copos de plástico e embalagens de papelão.

Espero que este artigo registre adequadamente essa experiência e possa expressar a resistência, a luta e a poesia das profissionais de reciclagem que conheci – aparentemente 'invisíveis' aos olhos dos consumidores de bens e serviços.

PROCEDÊNCIAS

A constituição de um movimento ambiental nos arredores do Parque Estadual do Jaraguá, em Pirituba, iniciou-se nos anos de 1995 e 1996 com o interesse voltado para a

promoção de eventos culturais que divulgassem os temas ambientais pertinentes ao Parque e às suas cercanias.

Foram a proximidade física do Parque, a permanente visitação e a constante fruição de trilhas, matas e espaços de lazer que despertaram na comunidade de artistas, artesãos, músicos e ativistas da região Norte-Oeste de São Paulo a possibilidade e a oportunidade de organizar um evento que, segundo eles, avaliasse a capacidade de realização do grupo em articular uma 'Feira de Artes'.

Os ativistas culturais da região Oeste da cidade de São Paulo têm produzido, nos últimos quinze anos, diversas atividades com o formato de 'Feiras de Arte'. Pompéia e Vila Madalena foram exemplos e paradigmas de realização de eventos culturais para os jovens que se articularam em defesa do Parque Estadual do Jaraguá.

A atração de grandes públicos para esses eventos pode significar uma importante característica de nossa urbanização acelerada. As relações comunitárias constituídas nas feiras comerciais, festivas e culturais de múltiplos bairros da cidade podem demonstrar a ultrapassagem da dicotomia sociológica clássica entre comunidade e sociedade.

Essas 'Feiras de Arte' podem exemplificar como se estabelece, nos fins do século XX e inícios do século XXI, a construção de novas sensibilidades e novas formas de luta que buscam no microcosmo comunitário reinventar as experiências e sociabilidades metropolitanas.

A pesquisa realizada para a elaboração desta análise demonstrou que essa articulação política ambiental caracterizou-se, desde o princípio, pela predominância de atividades práticas, culturais e lúdicas. Suas preocupações enfatizam a expressão "dar voz à Comunidade!". Demonstam aversão e resistências a práticas de debates, fóruns, 'agendas' e 'oficinas' que lidam com os interesses da comunidade por intermédio de especialistas alienígenas, distantes das preocupações comunitárias e portadores de uma sabedoria genérica.

Os envolvidos na realização da Feira de Artes de Pirituba decidiram nomear-se Movimento Eco-Cultural.

DA 'INVENÇÃO' AO GIGANTISMO

A primeira Feira de Artes de Pirituba, nomeada 'Arroz, Feijão e Cultura', teve como parâmetros de organização e empreendimentos as 'Feiras de Artes' da Pompéia e da Vila

Madalena. Com a participação de quarenta expositores comerciais e de alimentos vinculada à arrecadação de alimentos, teve um palco, em cem metros da rua Benedito de Andrade, atraindo um público circulante estimado entre 2 mil e 3 mil pessoas.¹

Na segunda Feira de Artes de Pirituba, 'Reciclagem: O Futuro da Criança', em 1996, apresentaram-se artistas como Rita Ribeiro, Zeca Baleiro, e RZO (Rapaziada Zona Oeste). Possuía um 'Espaço das Crianças', com atrações específicas para essa faixa etária, e o 'Corredor Verde', área destinada às organizações ambientais da região para exporem suas atividades e resultados para a comunidade, sem custos financeiros.

O público circulante alcançou entre 8 mil e 10 mil pessoas, numa extensão de 150 metros, com cinqüenta expositores e um palco para os eventos artísticos e musicais.

A terceira Feira de Artes de Pirituba, 'O que vou ser quando crescer?', em 1997, teve um aumento considerável do público circulante, que alcançou 30 mil pessoas, dos expositores, entre 100 e 150, e da estrutura física, com dois palcos, numa extensão entre 500 e 600 metros. Nessa feira foi iniciada a produção de uma 'Coletânea musical' com músicos da região Norte e Oeste de São Paulo.

Mas foi na preparação das atividades da quarta Feira de Artes de Pirituba, em 1998, que se estabeleceram proposições e perspectivas que visavam à regularização da organização social e a busca de um evento mais bem estruturado por meio da captação de recursos necessários para ampliação das atividades realizadas na Feira, o que tornou possível a sua efetivação e registro jurídico e, principalmente, a permanência de suas atividades ao longo do ano.

Assim, nesse ano viabilizou-se a 'Semana do Meio Ambiente', no mês de junho, além de espetáculos teatrais e musicais, visitas monitoradas pelas trilhas do Parque Estadual do Jaraguá, distribuição de mudas e realização de conversações comunitárias para a identificação de carências e necessidades específicas do Parque, através da associação entre música e meio ambiente.

Estabeleceram-se, desde então, práticas que buscavam a revitalização do Parque Estadual do Jaraguá.

Pode-se afirmar que o marco dessa alteração das maneiras de agir do Movimento Eco-Cultural foi sua parceria com a Universidade Federal de São Carlos (Unifesp) e o Instituto Florestal para a realização do 'Projeto Biota-Jaraguá' para realização do 'Plano de Manejo do Parque Estadual do Jaraguá'.

O Movimento Eco-Cultural foi responsável pela viabilização da estadia dos pesquisadores no Parque, pelo fornecimento de alimentação e pela autorização de

pesquisa noturna.

Com esse levantamento biológico e ambiental tem-se, desde 1998, um Programa Permanente de Educação Ambiental (Pepea) no Parque, com diretrizes precisas para seu manejo e o atendimento de suas necessidades e carências.

Os dados da quarta Feira de Artes de Pirituba, 'Liberdade de Expressão', demonstram a maturidade alcançada pelo movimento social ambiental. Verificou-se a presença de 50 mil pessoas, com aproximadamente 250 a 300 expositores.

Nesse ano, a 'Coletânea Musical' trouxe maior diversidade, mesclando artistas regionais sempre presentes aos *blues* de Edvaldo Santana e aos conteúdos políticos da música de Zé Geraldo.

Em 1999, entre os dias 17 de janeiro e 11 de abril, no Parque Estadual do Jaraguá, o Movimento Eco-Cultural realizou ao longo de onze domingos o Pepea com atividades ambientais permanentes como trilhas monitoradas, oficinas de criatividade, exposições, exibição de vídeos, distribuição de mudas, Mostra Eco-Cultural de teatro e música ao vivo. No mês de maio foram realizadas atividades de teatro infantil e oficina de pintura na região.

Nesse ano, a quinta Feira de Artes de Pirituba, 'Cultura em Reciclagem', foi incluída como evento do Calendário Turístico da Cidade de São Paulo, o que viabilizou o apoio da Prefeitura Municipal e do Anhembi.

Essa feira atraiu o contingente estipulado entre 70 mil e 80 mil pessoas, com 200 a 250 expositores e quatro palcos para atrações artísticas e musicais.

Já em 2000 aconteceram novas atividades do Pepea nos primeiros meses do ano, e as comemorações do Dia Mundial do Meio Ambiente foram realizadas pelo Movimento Eco-Cultural no Sesc Pompéia, com um festival reunindo os participantes da 'Coletânea musical' e um desfile de moda nomeado 'Cultura em Reciclagem'. Ressalte-se que o cenário e a decoração foram produzidos, todos, com garrafas plásticas.

O ano de 2000 marcou a ampliação social e física do evento. O tema levou um público superior a 100 mil pessoas a circular pela Feira de Artes de Pirituba, em sua sexta edição. Dada a grande quantidade de eventos, foi necessária a ampliação lateral para ruas paralelas, pois os quatro palcos não caberiam na avenida tradicionalmente utilizada.

Por sua vez, a 'Coletânea musical: Música para Reciclar' tinha como destaque a banda *Tutti-Frutti*, entre os diversos grupos de artistas regionais.

Há que se destacar a ampliação do número e da importância dos parceiros amealhados entre as empresas privadas (companhia de energia, corporação financeira,

faculdade privada, supermercadista etc.) e empresas e instituições públicas. Confirma-se, assim, o diagnóstico acerca da necessária regularização do movimento social enquanto fator para a viabilização de suas atividades através de um amplo leque de apoios institucionais, determinando-se maior visibilidade aos apoiadores, o que ampliou a capacidade de atuação e intervenção do Movimento Eco-Cultural.

A sétima Feira de Artes de Pirituba, 'As Águas Vão Rolar!', em 2001, atraiu mais de 120 mil pessoas, com mais de 400 expositores na mesma estrutura da feira anterior.

A novidade desse ano foi que o Movimento Eco-Cultural também realizou a primeira Feira de Artes de Taubaté, no primeiro semestre, no Sesc daquela cidade, com o interesse de ampliar os projetos de coleta seletiva de resíduos sólidos no Vale do Paraíba, desenvolvendo debates entre os grupos ambientalistas da região, com um público estimado em 5 mil pessoas. Mas essa ampliação das atividades do Movimento Eco-Cultural não teve prosseguimento nos anos seguintes.

Já a Feira de Artes de Pirituba nos dois anos seguintes alcançou um ponto extremo de sua realização.

A oitava Feira de Artes de Pirituba, em 2002, contou com a presença de 150 mil pessoas, o que tornou o espaço tradicional insuficiente para tamanha concentração popular.

Em 2003, a afluência crescente de público determinou que a estrutura da nona Feira de Artes de Pirituba fosse ampliada e, ao invés de quatro palcos, foram construídos três palcos e um circo, espaço de atividades específicas para o público infantil com escola circense, grupos de teatro infantil da região, oficinas de argila e de reutilização de garrafas plásticas. Desta vez, a produção da 'Coletânea musical' passou a ser disponibilizada num suporte digital e teve como destaque o músico Renato Corte Real.

Mas o principal problema foi a ausência da Polícia Militar, que não enviou policiamento. Com um público estimado pelos organizadores em 180 mil pessoas, a Feira transformou-se em 'terra de ninguém', com depredações do patrimônio público e privado.

Esses acontecimentos levaram à suspensão das atividades da Feira de Artes de Pirituba no ano de 2004. Em 2005, veremos a seguir, ela foi retomada num novo espaço.

REINVENÇÕES

As dificuldades geradas pelo gigantismo da Feira de Artes de Pirituba causaram

múltiplos problemas, como reclamações de comerciantes e moradores sobre a falta de condições para tamanho afluxo popular. Lembremos que, nos três primeiros anos, o público passou de 3 mil para 30 mil pessoas. Mas nos últimos três anos, o público de 100 a 120 mil pessoas alcançou 150 a 180 mil.

Os adiamentos causados pela dificuldade de organização, em 2004, levaram à suspensão da feira. Além disso, a cada biênio, a Feira de Artes de Pirituba coincidia com as campanhas políticas de segundo turno, transformando-a num espaço político-eleitoral.

A Feira de Artes de Pirituba foi retomada em 2005, mas com novo endereço, numa avenida de pistas largas e com maior amplitude de tempo para sua realização, para que em anos eleitorais ela pudesse ser realizada após as eleições majoritárias. Essa décima edição exigiu novos estudos para a feitura de mapas de interdição de ruas, para distribuição de banheiros e para construção da rede elétrica necessária. O espaço escolhido foi a avenida Eliseu Cordeiro de Siqueira, conhecida na região como avenida Um.

Segundo os relatórios oficiais, compareceram 50 mil pessoas à décima Feira de Artes de Pirituba. Teve grande aceitação dos moradores dessa nova localidade, e sua estrutura física era composta por dois palcos para apresentações musicais e de dança. Havia, ainda, atividades cênicas, oficinas de reciclagem e criatividade, jogos e brinquedos. Foram atraídos 220 expositores com mercadorias de artesanato e de alimentação, além das entidades sociais da região.

Fixando-se nesse novo espaço, a XI Feira de Artes de Pirituba, em 2006, com a mesma estrutura física da feira anterior, atraiu um público circulante de 65 mil pessoas.

Ainda nesse ano, o Movimento Eco-Cultural foi procurado pela Secretaria de Serviços e pela Limpeza Urbana (Limpurb) para auxiliar esses órgãos públicos na verificação de denúncias realizadas contra a Cooperativa responsável pela coleta seletiva na região de Pirituba.

Segundo o Movimento Eco-Cultural, constatou-se a inexistência de pessoa jurídica asseguradora dos direitos e deveres dos cooperados. Além disso, a remuneração destes era ínfima (R\$ 30,00 mensais), sem nenhum tipo de precaução com vacinações obrigatórias e equipamentos ou preocupações legais, como o recolhimento regular de impostos.

Ao realizar essa assessoria às instituições municipais, os integrantes do Movimento Eco-Cultural foram questionados acerca do interesse em administrar a central de triagem de lixo em Pirituba.

Ao aceitarem constituir uma nova cooperativa para realização da coleta seletiva em Pirituba, escolheu-se um modelo empresarial de gestão que tem sido desenvolvido por uma cooperativa-modelo situada na cidade de Paulínia.

Escolhido o modelo empresarial de gestão, passaram a praticá-lo. Os parâmetros estabelecidos para a 'administração empresarial' vinculam-se à transparência absoluta de entradas financeiras e de materiais, e englobam a regularidade jurídica e fazendária, a constituição de um fundo de reserva para investimentos que atendam os interesses do conjunto dos cooperados, a cobrança do fundo educacional e social (5%) voltado efetivamente às necessidades prementes dos cooperados, como a compra de alimentos e o pagamento de dívidas, e às necessidades de formação e educação, como a compra de material escolar. Inclui, também, a regular vacinação e, finalmente, o convênio com a fábrica de luvas especiais. Esta lhes oferece o dobro dos pares necessários, que são redistribuídos para as entidades sociais da região que as utilizam.

Ao constituírem a nova pessoa jurídica, 'Cooperativa Crescer', estabeleceram os critérios sociais e econômicos para escolha de cooperados. Dadas as características da região, dão preferência à entrada dos mais necessitados, mas não descartam pessoas albergadas.

No mês de fevereiro, a reciclagem comercial rendeu entre R\$ 300,00 e R\$ 500,00 de retirada líquida a cada um dos 42 integrantes efetivos da cooperativa, conforme o número de horas trabalhadas. Um dos coordenadores informou ter recebido, por sua vez, proventos mensais de R\$ 750,00.

As próximas expectativas do Movimento Eco-Cultural e da Cooperativa Crescer têm se direcionado para o empreendimento da reciclagem artística, pois relata-se que a reciclagem comercial esgota-se nos binômios triagem-comercialização e ocupação-renda.

Há a pretensão de fusão das atividades das duas instituições, para que possam conquistar independência financeira dos subsídios pagos pela Prefeitura à Cooperativa.

Essa estratégia de unificação tem sido realizada mediante a produção de projetos de trabalho como o 'Programa de Educação Ambiental: Jogos Populares, Reciclagem e Sustentabilidade'.

Nesse projeto de trabalho apresentam proposições acerca da construção de uma rede de interações pedagógicas e de práticas de recreação e lazer sustentáveis, reciclando materiais por meio dos jogos populares, entre a comunidade escolar, construindo uma recicloteca nas unidades escolares e fornecendo cursos para toda a

comunidade escolar, incrementando, assim, a reciclagem nas escolas da região.

ANTROPOLÓGICAS

A concepção deste artigo surgiu quando assisti a um documentário sobre meio ambiente na TV Cultura. Numa fala de José Eli da Veiga, esse importante economista analisava a necessidade de ‘civilizar’ as relações entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental.

Oriundo das ciências sociais, leitor dos textos de La Boétie sobre a servidão voluntária e de seu amigo Montaigne sobre os canibais, imaginei, naquele instante, que a experiência ambiental do Movimento Eco-Cultural deveria ser um exemplo antropofágico de nossas maneiras de pensar.

Depois de dias de convívio com as pessoas integrantes do Movimento Eco-cultural e da ‘Cooperativa Crescer’, aprendi mais um pouco a lidar com a diferença. Lembrei-me de Claude Lévi-Strauss, da ciência do concreto e de seus contrapontos: nossa incapacidade civilizada de lidar com a diferença.

Essa ‘antropoemia’ própria da civilização ocidental, sua incapacidade de lidar com a alteridade, com o múltiplo, sua propensão a ‘vomitar a diferença’, faz-me pensar que ao invés de civilizarmos as relações entre cultura e meio ambiente, precisamos barbarizá-las, devorá-las.

É preciso transtornar as relações humanas! (Re)Torná-las selvagens! Pensemos a complexidade da cultura por meio das pontes entre o humano e sua animalidade, entre a razão e o descomedimento! Uma bioantropossociologia!

Antropofagias! Transtorno!

“Curto lixo, transo porcaria!” Somos os *punks* da periferia, os novos canibais!

NOTA

¹ O público circulante é avaliado pela Polícia Militar do Estado de São Paulo. Os dados utilizados neste artigo são todos fornecidos e estabelecidos pelas medições dessa instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABENSOUR, M. (Dir.) *L'Esprit des lois sauvages: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique*. Paris: Seuil, 1987.

ARGÜELO, Kátia. *Do Estado Social ao Estado Penal: invertendo o discurso da ordem*, 2005. Disponível em www.cirino.com.br/artigos/Artigo%20Katie.pdf.

BOIREAU, J.-L. *Godwin et la critique radicale du droit*. Paris: Refractions 6, 2001.

DEFLEM, M. *Social Control and the Theory of Communicative Action*. Disponível em: www.cas.sc.edu/socy/faculty/deflem/zjurgsoc.htm.

MAUSS, M. *La cohésion sociale dans les sociétés polysegmentaires*, 1931. Disponível em:

www.uqac.ca/class/classiques/mauss_marcel/essais_de_socio/T5_cohesion_sociale/cohesion_sociale.html.